

Mind the Gap: Uma Teoria da Sociedade, nos termos de um personalismo fenomenológico

"Onde é a minha casa senão onde
o meu coração se encontra com o teu?"
Andy Bell e Vince Clark

Victor Mota

Faculdade de Letras de Lisboa

PALAVRAS-CHAVE:

Teoria, Praxis, Téchne, Antropologia Social, Filosofia

1. Abordagem contextualizada da problemática

Escrevo com base nas minhas ideias do que denomino de personalismo existencial e relativismo fenomenológico para entender a sociedade, mais ou menos contextualizada nos termos de uma antropologia filosófica. Proponho-me fazer compreender a relação entre *tecné* e teoria, ou seja, o conhecimento prático e técnico ligado a certas profissões (eletricista, caprpinteiro, pedreiro) e o saber filosófico. Os mais simples dos homens sabem fazer boa filosofia (António Aleixo, uma figura popular do Alentejo) e admiram o saber filosófico, contrapondo e desafiando-o com o conhecimento da técnica. Pode ser esta relação um ciclo infernal, dado que o conhecimento teórico não é demonstrativo e não passa pela ciência. Mas, por outro lado, esse conflito entre teoria e praxis técnica será sempre eterno porque está, como frisaram Claude Lévi-Strauss ("Anthropologie Structurale") e Pierre Bourdieu ("Razões Práticas"), atreito a um certo discurso de uma certa forma de masculinidade ligada à conquista e posse das mulheres. Na verdade, perguntamo-nos: o que é a antropologia? O que é a filosofia? A *perfecta imperfectibilitas* da experiência humana demonstra que há mais comunicação entre filosofia teórica e artesanaria, aliás, defendemos que não se acoantone uma na outra, mas que conheçam vias de comunicação e troca de dados, simbólicos ou efectivos. Em termos sociais, tudo começa com as teorias de Marx da infra e da superestrutura e com a designação da figura do trabalhador intelectual como equivalente ao trabalho manual, não resultante de aturado estudo das línguas clássicas, da matemática e da filosofia. Por outro lado, o mito americano anda em torno da figura, da personagem, que se desenrasca, logo depois de se ter

enrascado numa coisa rasca... não tendo que dar contas a ninguém senão à tela e à coerência do *script*...

Podíamos recorrer à antropologia física e fazer notar como o desenvolvimento do cérebro do homem primitivo dependeu da sua relação com o meio ambiente, usando principalmente as mãos, para fazer até arte. Ou à robótica ou manipulação do corpo pelas próteses, na forma como o homem, no tempo, na duração (Bergson) domestica o meio e domestica a sua mente. Mas preferimos ver a questão da relação entre teoria e praxis como uma forma como evoluiu o espírito humano, que encarnou num corpo cujo avatar vinha já de um tempo, de uma *durée*. Lévi-Strauss procurava entender o espírito humano pelos mitos das sociedades primitivas, melhor, os mitemas, unidades que a neurologia fez corresponder aos neurónios, a química aos elementos da tabela periódica e a astrofísica aos posões. Creio que o filósofo também procura isso, ou seja, entender o espírito humano a partir das mais diversas atitudes e actividades, como algo germinal, ontológico, mais do que antropológico¹.

De resto, podemos equacionar a seguinte questão: como é que o filósofo se diverte? Lendo a Enciclopédia que contém boas entradas na área da filosofia. Assim, avançamos para um personalismo existencialista pela via de Sartre e Camus e um relativismo fenomenológico (Husserl, Geertz), para desembocar num personalismo fenomenológico, para conferir um nome ao que o sujeito vivência com a sua vivência no mundo, captando impressões sobretudo pelo sentido da visão. O uso dos outros sentidos, o tacto, o olfacto, coisas mundanas, tem muito mais que ver com

1. Assim como, em termos de fim, a morte física não é o fim, a existência não é em vão (Ricoeur). Passámos por cá, isso de certo modo eterniza ontologicamente o ser de acordo com o parecer. Por outro lado, em termos kierkeegardianos, a trsiteza, desespero e angústia que seguem a vitória corresponde à ideia mitológica e até nietzscheana do homem-deus, que vence sempre num regime de automação do seu coportamento conducente á eficácia e eficiência da performance (Paulo Valverde, Sloterdick e Zizek).

a antropologia social do que com a filosofia, julgo não me equivocar. Afinal de contas, o que é o social? Não será o subjectivo e até literário no jogo de espelhos (e *espalhos*) dos outros, da sociedade? E a sociedade, o que é? Corresponde ao estado-nação? Ou não seria melhor cada etnia, na prática, corresponder a um território? A questão levanta problemas da ordem da transdisciplinaridade e dos direitos humanos, que um esquerda faz de bandeira e uma direita ora assume como garantidos ora recusa em nome de uma raça, ou de uma etnia pura.

2. A Máscara Dual nos Papéis Sociais

Uma interpretação filosófica

Por outro lado, será que a inaptidão para as coisas práticas, dos termos da *técné*, significa obrigatoriamente qualidade para as coisas da teoria? É que, em certos contextos, poucos actores sociais assumem os dois termos e sentidos, domínios e a ligação entre eles os dois e, mesmo em termos da representação dramática dos seus papéis, na tela do social, preferem um dos dois papéis num regime de insistência e reiteração do mesmo, como quem gere ou afirma um capital simbólico que lhe permite o desenrolar da sua persona no jogo e palco dos social, das relações sociais. Por outras palavras, a *perfecta imperfectabilitas* torna-se *perfecta imperecibilitas*...

Porquê, então, a filosofia se fixar no sujeito e não salta para o objecto, noutros termos o Outro, tal como o faz a antropologia? Porque o que faz a antropologia é "aproveitar" um desnivelamento social, classista, de status e civilização, mas também moral. O outro é, objecto de estudo nos termos de uma ciência do comportamento e dos discursos, é sempre alguém que está

em baixo do "dono" do ponto de observação, participante ou não². Assim, o existencialismo, quer de Camus quer de Sartre ou Kierkegaard leva-nos a estar atentos à gapa, ou seja, ao vão da existência que por vezes lá ou cá ocupamos quer por procura do ninho, quer nos nos termos de um retorno a uma neurose obseesiva de carácter bucal e anal³, que joga particularmente bem com as noções de exutório social proposta por Pina-Cabral, se quisermos ir do nível do sujeito à do grupo e da sociedade, numa civilização marcada tanto pelo bucal quanto pelo *phallus*.... Assim, cada sujeito, agora indivíduo, tem em si um exutório, dito social, que expulsa o que a intersubjectividade não aproveita, tal como a digestão aproveita o que o organismo social, um sujeito que é, de certa maneira, uma forma de ver o mundo, cosmovisão, reflexo ou até mesmo o próprio mundo, à letra. Assim, o verdadeiro e antigo mundo desaparece e as zonas de conforto são cada vez menores, mais pequenas e cada vez menos existentes. O mundo deixa de existir, bem como a sociedade, que na verdade apenas existiu em função do sujeito, para ele... Mas, se o filósofo procura e estuda, procurando, o sentido ou os sentidos da vida, terá de ser necessariamente maior do que a Vida? E de que vida se trata? Da sua, da da sociedade, da sua espécie? Eis aqui uma questão que considero fulcral: a relação do filósofo com os sentidos, o prazer sexual, o amor mundano, porque parece-me não ter havido até agora uma resposta "filosófica" sobre a conduta mais ou menos regrada, mais ou menos preenchida em termos de prazeres eróticos. Nem Alberoni nem os clássicos chegaram lá. E, costuma-se dizer que, antes da partida, há que jejuar e toda a actividade intelectual está

2. Para este texto apenas precisaríamos, assim, de uma Enciclopédia, como a Britannica ou a Luso-Brasileira, dos quatro volumes de As Raças Humanas, para contextualização etnográfica e de um ou outro manual de filosofia...

3. Veja-se a este propósito "Escape from Freedom", de Erich Frömm ou a quase integralidade da obra de Kierkegaard, articulado com anção de náusua e dasein (Sartre e Heidegger).

bastante relacionada com a privação ou não do jogo sexual, sendo que, também ele propulsiona o desencantamento mas também a descoberta e uma abertura do sujeito ao Outro, ao Mundo do Outro, ao Mundo. Há aqui, em minha modesta opinião, qualquer coisa a descobrir...longe do hedonismo e do epicurismo onde os sentidos seja não escravos do Homem mas vias dessa abertura, caminhos para uma inevitável fusão com o que está além do dasein...A exterioridade, a abertura, a elisão útil do sujeito e sua mescla com a realidade numa plétora que não seja disfarçada...Não pergunto (mais) O que é a Filosofia, mas sim O que é Ser Filósofo? Creio que estou, após de mais de vinte anos de investigações filoantropológicas, em condições de defender que a tarefa do filósofo, a par de descobrir o(s) sentido(s) da Vida, não apenas humana, mas da emanção dela a partir do momento, fazer os outros felizes através de uma auto-transformação do seu magma espiritual, do seu élan vital, do seu halo ou mesmo ossogoto, plétora, tudo o mais. Portanto, o filósofo não pode, logo verifica nas suas investigações, abarcar (em termos mais ou menos enciclopédicos) toda a filosofia, todo o saber, intra ou extra disciplina, por isso ele se lança num empreendimento verdadeiramente antropológico: fazer o Outro feliz. Isso possa por um trabalho particular, uma disciplina particular, uma empresa mental que é, claro, e sobremaneira, uma empresa sentimental, por mais científicas que sejam as suas asserções e conclusões mais ou menos científicas sobre o comportamento, o discurso e as relações sociais. Depois, mais adiante, o que pode salvar o homem? E o homem precisa de ser salvo? Não há um eugenismo mental em todas as relações, amplas, ou seja, mais do que isso, um destino da marcha da humanidade e de todo o homem em particular no seu ADN? Se a religião não salva, se a ciência

complica, se mesmo as novas religiões e as novas ciências, não dão respostas cabais face a um homem, por um lado, cada vez mais interrogativo e, por outro, cada vez mais apressado, agastado (talvez procurando a felicidade em corpos), talvez o homem procure ser feliz à medida que avança na sua biografia...a meu ver, o gosto das coisas públicas traz felicidade e, ainda assim, deve-se cultivar o segredo, num amplo e rasgado relativismo moral. Daí que defenda um personalismo fenomenológico, que advém de duas vias, de diversos autores e daquilo que, de algum modo, denomino de personalismo relativista e relativismo fenomenológico, assente nos mais diversos autores, de que destaco Jacques Maritain, Emanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Kierkegaard, Camus, Sartre, entre alguns portugueses e espanhóis numa prolecta tradição espanhola alemã da antroposofia, antropologia filosófica, etnofilosofia e filosofia social.

3. Um Chapéu de Sol à Chuva:

De como o Homem chegou a Pensar no meio da tempestade

O próprio mito de Rousseau poderia ser revisto: sim, o homem é naturalmente bom, não pode viver sem bondade e o Bem, senão destrói-se, em sociedade ou fora dela. Enquanto uma antropologia considera o fechamento, a filosofia considera, ou patenteia, a abertura, como se, em termos de género, uma fosse homem e a outra mulher...Enquanto a essencial tarefa da antropologia é o contexto e a identidade, a da filosofia é o sober sobre a forma abstrata, um certo sentido de elevação numa certa forma de indagação e criação de pontos de interrogação. Mas, o que é o

Bem? O que é ser bom fora dos termos de uma filosofia moral e de uma religião determinada? O espírito atrofia-se a si mesmo sobre tudo, porque é contextualizado para poder agir, para se poder desenvolver. Há competição entre bons? O profano não é mais deste mundo, mais efetivo e prático? Sim, porque a religião é essencialmente teória, mas também terrivelmente prática. Como deve a vida ser vivida? Vale a pena o esforço para conseguir constituir uma família, para ter emprego, a realização pessoal e social? Tudo questões que, em minha opinião, relevam de uma certa forma de filosofia moral, dos costumes, dos *moeurs*. Nesta medida, quando algum membro da sociedade morre, nem toda a sociedade lhe presta homenagem, mas aqueles que lhe eram mais próximos, ora porque muitos não o conheçam nem tenham nada que ver com sua vida ou audiência dela, quer porque, de certo modo, a sociedade tem de continuar a desenvolver-se, a plasmar-se no âmbito de um real quase irreal. Podemos recorrer à sociobiologia e etologia para estudar então, o comportamento e discurso dos homens e do homem-deus, como se fossem insectos ou, proximamente em termos de convivência, chineses, aos quais se reconhece uma capacidade de focagem máxima nos termos de uma luta pela sobrevivência. Depois, a arte, mais tarde a relaxação e o humor. Nada é ao acaso. De modo que o homem escapa, desliza por sobre aquilo que lhe dá dor e que resulta em cansaço, mas percebe que sem esforço nada vale a pena, ou seja, um certo epicurismo admite na sua existência, porque sabe que o hedonismo resulta em grande tristeza, cansaço mental, desilusão, frustração, nos termos de um hedonismo total.

4. MUTISMO TRANSCENDENTAL:

A práxis negada pelo processo efabulatório

O que vale, então, verdadeiramente a vida. Que significado tem ela face ao que somos, conhecemos e face ao que está além do nosso pensamento? Só a efabulação, a escrita, faz sentido, porque aí, o espírito está em trabalho, ocupado e prepara-se para o relaxamento como um cão de guarda na noite. A consciência de Si pode ser um inferno, em termos psicanalíticos, que nos leva a pensar que o inferno somos nós. Mas Sartre teria razão neste aspecto: o inferno são os Outros, porque nem todos os homens se dão à ausência de trabalho que é a alienação, mesmo que o que dê mais trabalho seja a interacção, mas cansa mais embora talvez dê mais frutos revertidamente ao Si. Mas tudo é uma questão de semântica, de nomenclatura e, num certo sentido, a filosofia é apenas um jogo, como a própria vida, um conjunto de actos fabula e efabulatórios, e-fabulatórios, diria. O medo, o maior dos medos, talvez não seja a agressividade e o contato físico, a sexualidade, mas o medo de perder a consciência do Si... Então o que confere sentido à finitude? O que nos salva da morte? Acreditar que a morte é apenas a elisão de um número? O sujeito é um número ou parte da sociedade? Vale a pena acreditar que a sociedade, no limite a espécie, nunca desapareça? E permitimo-nos fazer várias atrocidades, muitas vezes a nós mesmos, em nome desse instinto de conservação? Assim, neste termos uma sacra ordem da técnica, seguimos de perto as análises de Agamben e Stiegler, mas num contexto sobretudo empírico que remete para muitas noções de Freud, onde a bondade e a generosidade, tal como a felicidade (Russel), são coisas, portanto, não ideias, são objectais nos entido em que fazem a medição e a mediação e

mediatização do homem com o objecto, como se o concreto (do corpo) fosse agrante de felicidade, mesmo no Convento, em que a contingência, por ser delegada e transmitida, é eterna e infinita como o Mundo Cósmico.

Conclusão

A Regresso do Homem a Si Mesmo

Assim, a biografia, feita de inevitabilidade, encontra-se a Si Mesma no encontro Homem consigo mesmo, através da retorna natural à sua infância, quando tudo à volta diz que ele é louco, só porque se expressa de forma diferente. Sim, território de cunhas e incautos. Quem, então governa? Todos menos aqueles que se vêem e são vistos. Quem insulta...onde está o problema? Do lado da vítima, do alvo, ou do agressor? O mundo está, assim, ainda cheio de agressores e de poucos que se encontram com ele mesmo, a experiência subjectiva é intransmissível, mesmo em ciência social, sobretudo em ciência social, pois andamos todos cegos, como diria Saramago, tolos, ao tombos, de encontro uns aos outros.

A maior forma de resolver, então, um problema, será não o resolver? E porque se criam problemas, e dever-se-á formatar o nosso disco mental ou mandá-lo dar uma volta com retorno tal qual um boomerangue? Assim, o retorno ao rousseuniano estado de pós-natureza tem que ver com qualquer coisa que trai tanto a filosofia quanto a ciência social: a sua salvação é a sua negação constante, teimosa, metódica e programática. Assim, foi com uma corrida que o Ser chegou a ser nascido e é enquanto corrida, não apenas jogo de futebol, que o Ser se rasga, evoluindo na fenomenologia da terra real... em termos de personagem do personalismo fenomenológico. Finalmente, cheguei ao final do meu sistema filosófico, comepreendendo uma antropologia social e cultural, pela descoberta de uma nova noção, a

economia da felicidade, que me parece ser uma expressão feliz, porque implica e quer dizer a felicidade enquanto estado para o qual se trabalha, onde se implica também uma noção de esforço, físico, psíquico, emocional, o que convoca também a noção de inteligência emocional e das expressões "estar em casa" e "fora da box", bem como noções tais como "narrativa", alavancagem, "resiliência", "cativação", vocábulos que saem das humanidades para as economias, finanças e gestão, em que o dinheiro é visto como objecto de uso, no vão ou na maré alta da existência, enfim, noções de economia libidinal, que formulei já há vários anos e que traçam e descrevem o envolvimento e envolvimento do homem no espaço do social real e geográfico, vertical e horizontal, como se a vida continuasse connosco, por nossa falta, por nosso contributo, tanto na posição ("Posições", Derrida) horizontal quanto na vertical, para além das noções onde se vê a economia em termos filosóficos (já longe de Stiglitz ou mesmo Agamben e Stiegler), incluindo a visão de um valor (de uso e distribuição) explanado por Anselm Japp (Teoria do Valor, em *As Aventuras da Mercadoria*) e Yáñes Casal em *Entre a Dádiva e a Mercadoria*, chegando a um espraimento nas teorias do anti-utilitarismo da *Revue du Maïss*.